

## **José Mendes Veiga (1762-1817), o fundador da Real Fábrica Veiga (Covilhã): alguns dados de enquadramento biográfico**

*José Mendes Veiga (1762-1817), the founder of  
the Real Fábrica Veiga (Covilhã):  
some biographical data*

ELISA CALADO PINHEIRO

Universidade da Beira Interior, Museu de Lanifícios

*University of Beira Interior, Wool Museum*

### RESUMO

Neste ensaio, apresenta-se uma biografia sumária sobre José Mendes Veiga, o fundador da Real Fábrica Veiga da Covilhã, acentuando-se, através da abordagem genealógica, o percurso de uma família cristã-nova beirã, com raízes na cidade da Guarda e no Fundão e que se disseminou desde o Sabugal e Monsanto até Belmonte, vindo a deter uma posição de elevada preponderância na vida económica e social da Covilhã desde o terceiro quartel do séc. XVIII até inícios do séc. XX. José Mendes Veiga acompanhou o desenvolvimento proto-industrial e industrial dos lanifícios covilhanenses e a sua paulatina implantação a nível regional e nacional. Uma primeira versão deste texto foi apresentada na conferência proferida, em 23 de novembro de 2017, no Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, sob o título: "*Evocando José Mendes Veiga (1762- 1817) fundador da Real Fábrica Veiga, no bicentenário da sua morte*" no âmbito das comemorações levadas a efeito por esta instituição para assinalar aquela efeméride, uma vez que o edifício principal do complexo fabril da Real Fábrica Veiga é atualmente a sede deste Museu.

### PALAVRAS-CHAVE

Baeta, Camelão, Cobertor de papa, Cristãos-novos, Droguete, Indústria de lanifícios, Mendes Veiga.

## ABSTRACT

In this essay, a brief biography on José Mendes Veiga, the founder of the Real Fábrica Veiga of Covilhã, is presented, emphasizing, through the genealogical approach, the path of a New-Christian family of Beira, with roots in the cities of Guarda and Fundão, which disseminated across the territory from Sabugal and Monsanto to Belmonte, having held a position of high preponderance in the economic and social life of Covilhã since the third quarter of the 17<sup>th</sup> century until the beginning of the 20<sup>th</sup> century. José Mendes Veiga followed the proto-industrial and industrial development of the Woollen manufacture as well as its gradual implantation at regional and national level. A first version of this text was presented at a conference held on November 23, 2017, at the Woollen Museum of the University of Beira Interior, under the title: "Evocating José Mendes Veiga (1762-1817) founder of the Real Fábrica Veiga in the bicentenary of his death "within the framework of the commemorations carried out by this institution to mark that anniversary, since the main building of the manufacturing unit of the Real Fábrica Veiga is currently the headquarters of this Museum.

## KEYWORDS

*Camelão, Baeta, Droguete, Mendes Veiga, New-Christians, Special woolen blanket, Wool industry.*



Fig. 1 – Retrato a óleo de José Mendes Veiga  
(Palacete do Refúgio, Covilhã)

## 1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

São múltiplas as dimensões que toda e qualquer vida humana assume, sendo assinalável a variabilidade que cada uma apresenta ao longo do tempo. Esta situação propicia diversos tipos de abordagem a quem queira intentar uma aproximação compreensiva ao enquadramento biográfico de determinados indivíduos, acentuando-se quando a mesma recai sobre personalidades que se distinguiram pelas competências demonstradas no transcurso da sua existência em um ou mais campos de ação. É este o caso de José Mendes Veiga (1762-1817), o fundador da Real Fábrica Veiga, edificada na segunda metade do séc. XVIII, na Covilhã, na Ribeira da Goldra, na contiguidade da pombalina Real Fábrica de Panos. Trata-se de uma unidade de produção lanifical que se encontra na origem de um vigoroso complexo industrial que chegou a agrupar 14 unidades fabris disseminadas pelos concelhos da Covilhã e Fundão e que viria a ser desenvolvido pela mulher e filhos do fundador, vindo a distinguir-se, a nível nacional, pelas inovações tecnológicas e de produto introduzidas e pelas dimensões alcançadas.

Atendendo à amplitude abarcada pela intervenção realizada em diversos domínios por José Mendes Veiga, circunscreve-se a presente análise à apresentação de um conjunto de dados de natureza biográfica que nos permitirão clarificar-lhe as origens familiares, circunscrevendo-nos aos antepassados próximos. A partir de uma extensa e sistemática pesquisa documental efetuada no âmbito dos Registos Paroquiais incorporados nos Arquivo Nacional da Torre do Tombo, reportados a diversas localidades da Beira Interior, nomeadamente de Belmonte, Fundão, Guarda, Monsanto, Melo, Sabugal e Covilhã, com base nos assentos de batismo, casamento e óbito constantes dos respetivos livros de registo paroquial foi possível estabelecer a genealogia da família Mendes Veiga, a qual, a partir da atividade industrial na Covilhã, viria a alargar o seu campo de ação à exploração

agrícola e criação de gado nomeadamente taurino e equestre nas planícies ribatejanas, a partir da Quinta da Broa.

Importa salientar que os dados relativos às realizações de natureza pessoal e profissional de José Mendes Veiga e seus descendentes ficarão a aguardar por uma próxima publicação, uma vez que, com o presente estudo, se pretendeu exclusivamente contextualizar, numa perspetiva genealógica, as origens e evolução desta família cristã-nova beirã, atendendo à importância social que a mesma viria a alcançar.

## 2. ENQUADRAMENTO ESPÁCIO-TEMPORAL

Foi no amplo espaço da Beira Interior que os ancestrais diretos e indiretos de José Mendes Veiga encontraram o seu berço natural, num percurso que pudemos acompanhar a partir dos começos do séc. XVII, até aos inícios do séc. XX, quando a Real Fábrica Veiga deixou de ser gerida pelos descendentes daquele. José Mendes Veiga viria a nascer em 12 de março de 1762 na freguesia de Santiago da vila de Belmonte, sendo batizado, a 6 de abril do mesmo ano, na igreja paroquial desta. Desde cedo, terá vindo viver para a Covilhã, onde casou e faleceu em 15 de novembro de 1817. Os avós, bisavós e trisavós paternos de José Mendes Veiga cumpriram a vida na Guarda, e os ascendentes maternos, no Fundão, sendo que uma bisavó é natural de Monsanto. O pai de José Mendes Veiga nasceu na Guarda e a mãe, no Fundão. Estes, após o casamento, viveram por algum tempo em Melo, tendo-se fixado, seguidamente, em Belmonte, onde ambos foram sepultados (Apêndice, Documentos 1, 2 e 3).

## 3. OS ANCESTRAIS BEIRÕES

No casal constituído em 18 de junho de 1709 através da celebração do matrimónio entre Jacinto Mendes e Jacinta Maria Veiga, realizado na freguesia de S. Vicente da Guarda, podemos mais facilmente entroncar os diversos ramos familiares da genealogia dos Mendes Veiga, identificando os respetivos ascendentes, recuando com segurança documental aos inícios do séc. XVII, bem como os seus descendentes até à atualidade.

### 3.1. O RAMO EGITANIENSE

Em 30 de abril de 1656, na freguesia de S. Vicente da cidade da Guarda, Francisco Mendes Veiga, filho de Jorge Mendes, já falecido, e de Ana Mendes, ambos naturais do Sabugal, casou em primeiras núpcias com Leonor Mendes, filha do segundo casamento de Heitor Mendes Sarzedas, falecido em 15 de abril de 1662, que residiu na Guarda, na Rua Nova, e de Clara Rodrigues. Leonor Mendes viria a falecer pouco tempo depois e Francisco Mendes Veiga casa, pela segunda vez, no último dia do ano de 1664, na mesma cidade, com Beatriz Mendes, filha de Manuel Mendes e Isabel Rodrigues, naturais e moradores na freguesia de S. Vicente da Guarda. Deste segundo casamento nasceram pelo menos dois filhos: Francisco Mendes Veiga, em 2 de fevereiro de 1671, natural da mesma cidade e freguesia, e Jacinta Maria Veiga, em 6 de agosto de 1682. Esta viria a celebrar os seus esponsais na mesma igreja, em 18 de junho de 1709, portanto, antes de completar os seus dezassete anos com Jacinto Mendes, ali morador.

Foi também na Guarda que, do casamento de Jacinto Mendes, filho de Jacinto e Domingas Mendes, com Isabel de Barros, em 14 de fevereiro de 1667, nasceu Álvaro Mendes.

Este havia de tomar por esposa Brites Nunes de quem teve Jacinto Mendes que casou com Jacinta Maria em 18 de junho de 1709, portanto, ambos muito jovens. Este casamento realizou-se no âmbito de estreitas relações familiares entre os noivos, como se pode conferir pela similitude dos nomes próprios dos noivos e do apelido Mendes nos ascendentes, situação que implicou uma licença eclesiástica especial visando ser dispensados da consanguinidade em 2º grau, que não era rara à época. De tal consórcio marital, nasceu na Guarda, na mesma freguesia, Francisco Mendes Veiga. Este celebrou o seu matrimónio, em 27 de maio de 1726, na Igreja de S. Martinho, no Fundão, com Mécia Henriques, natural desta última vila, onde nascera, em 2 de fevereiro de 1701 (Apêndice, Documento 1). Importa salientar que a judiaria da Guarda, a que pertenciam os diversos membros do ramo egitanense desta família, estava integrada na freguesia de S. Vicente.

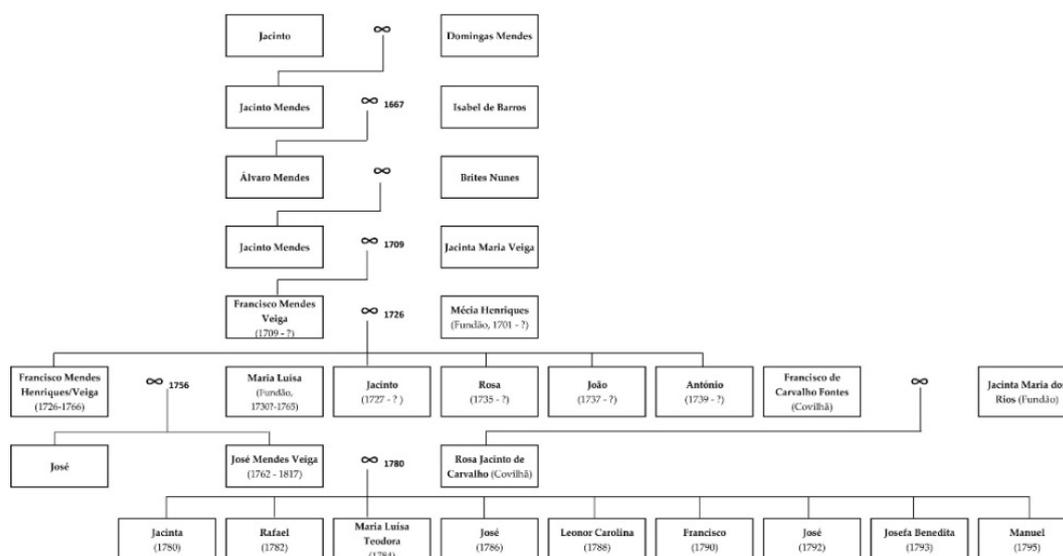


Fig. 2 – Genealogia de José Mendes Veiga: linha paterna do ramo Egitanense

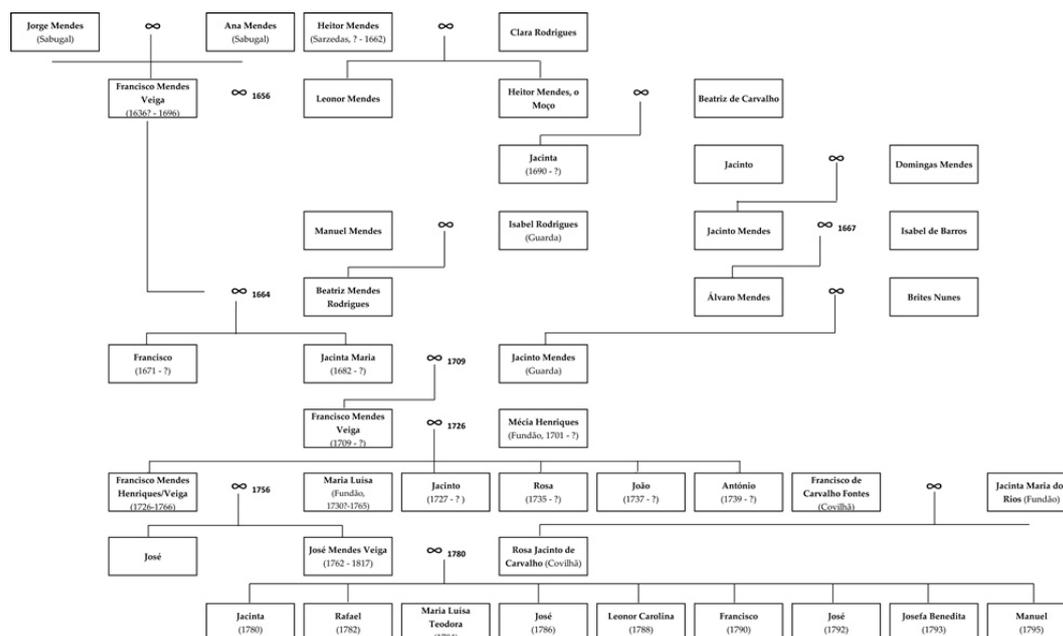


Fig. 3 – Genealogia de José Mendes Veiga: linha materna do ramo Egitanense

### 3.2. O RAMO FUNDANENSE

Mécia Henriques, avó de José Mendes Veiga, era filha de António José Rodrigues Casado, natural de Monsanto, e de Isabel Rodrigues, do Fundão. Este casal teve um outro filho, Francisco Lopes Casado, que viria a contrair matrimónio por três vezes: a primeira, em 7 de março de 1725, com Maria Jacinta da Silva; a segunda, em 1727, com Guiomar Henriques, de quem teve o filho José em 1728; e a terceira, em 3 de setembro de 1732, com Ana Maria/Amália Rosa Henriques, natural da Covilhã e filha de António Lopes Dias e Ana Nunes Dias, de quem teve pelo menos oito filhos.

Em meados do séc. XVII, André Nunes, filho de Fernando Rodrigues e de Isabel Nunes Henriques, casou com Teodora Mendes, filha de Manuel Rodrigues Preto e de Leonor Mendes, todos naturais do Fundão. Deste matrimónio, viriam a nascer sete filhos, entre os quais Luísa Maria. Esta consorciou-se com Francisco Mendes Veiga, também designado por Francisco Mendes Henriques (?/?/1726 - 4/12/1766), vindo a ser os progenitores de José Mendes Veiga.

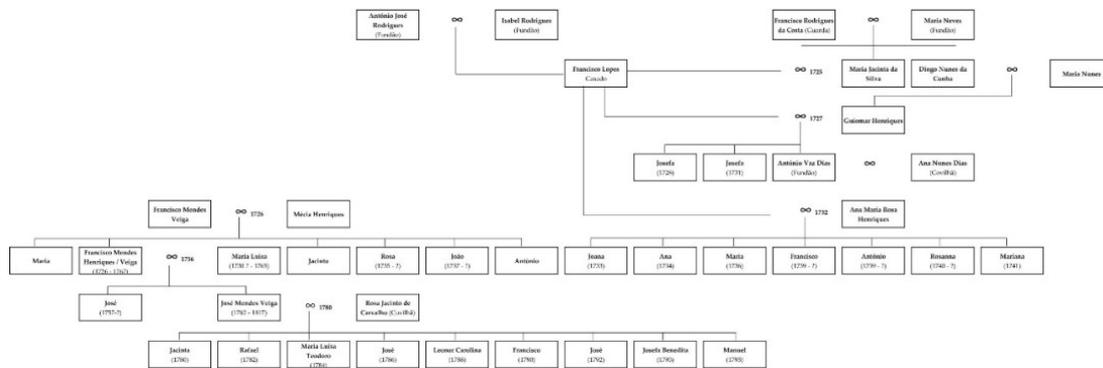


Fig. 4 – Genealogia de José Mendes Veiga: linha paterna do ramo Fundanense

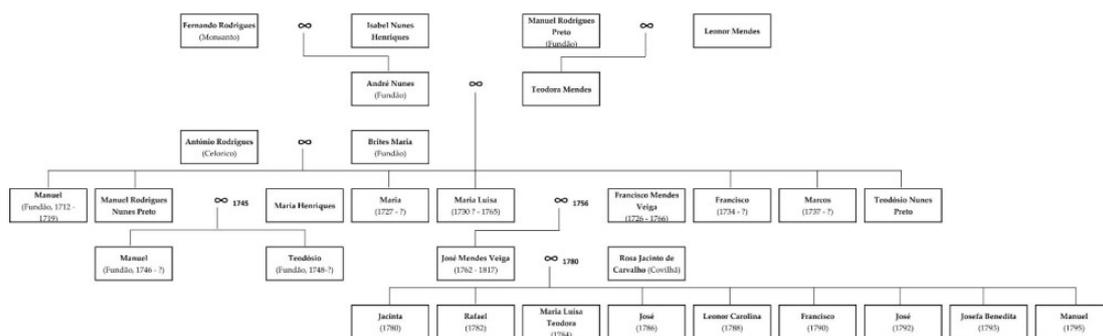


Fig. 5 – Genealogia de José Mendes Veiga: linha materna do ramo Fundanense

### 4. OS ASCENDENTES

Os avós paternos de José Mendes Veiga, Francisco Mendes Veiga e Mécia Henriques, tiveram, pelo menos, nove filhos: duas meninas com o nome próprio Maria; Francisco Mendes Veiga, também conhecido por Francisco Mendes Henriques, que terá nascido em Melo, cerca de 1726; Jacinto, que nasceu no Fundão, em 26 de junho de 1727; José, natural de Melo, onde nasceu em 17 de abril de 1729; Francisco Mendes Veiga, também conhecido

por Francisco Mendes Henriques, natural de Melo, onde nasceu em 10 de junho de 1731; Rosa, igualmente, natural do Fundão, onde nasceu em 8 de março de 1735; João, natural do Fundão, onde nasceu em 4 de Maio de 1737; António, igualmente, do Fundão, nascido em 21 de Novembro de 1739; e Jacinta Inácia da Veiga, natural de Melo, que viria a casar com Teodósio Nunes Preto, filho de André Nunes e Teodora Mendes, tendo tido, pelo menos, dois filhos.

Os avós maternos de José Mendes Veiga foram André Nunes e Teodora Mendes, naturais do Fundão. Deste casamento, nasceram os seguintes filhos: Manuel, que faleceu com cinco anos em 1719; Manuel Rodrigues Preto, que viria a casar com Maria Henriques em 7 de julho de 1745, também do Fundão, sendo esta filha de António Rodrigues, natural de Monsanto, e de Brites Maria, do Fundão; Luísa que nasceu em 4 de março de 1727, contraiu matrimónio entre 1747-1748, com Francisco Mendes Veiga e foi mãe de José Mendes Veiga; Francisco, nascido a 25 de março de 1734; Marcos, a 25 de abril de 1737; e Teodósio Nunes Preto, que viria a casar com Jacinta Inácia da Veiga, natural de Melo e filha de Francisco Mendes Veiga e Mécia Henriques, do ramo egitanense dos ascendentes de José Mendes Veiga. Do casamento de Teodósio e Jacinta Inácia, nasceram, no Fundão, pelo menos, António, em 23 de setembro de 1757, e Rosa em 14 de abril de 1759. (Apêndice, Documento 2).

## 5. OS PAIS

José Mendes Veiga era filho de Francisco Mendes Veiga, também designado por Francisco Mendes Henriques (10/06/1731 - 4/12/1766), natural de Melo, filho de Jacinto Mendes e de Jacinta Maria, ambos naturais da Guarda, e de Maria Luísa Mendes (4/03/1727 - 28/11/1765), natural do Fundão, filha de André Nunes e Teodora Mendes. À data do nascimento de José Mendes Veiga, os pais moravam em Belmonte, onde integravam a comunidade cristã-nova local. Estes faleceram cedo: a mãe com 38 anos e o pai com 47 de idade, conforme consta do registo de óbito, apesar de este ter efetivamente falecido com 35 anos, atendendo aos dados constantes de registo de batismo, situação comum à época. José ficou órfão de mãe aos três anos de idade e de pai aos quatro. Neste contexto, a sua criação terá sido entregue a um dos tios maternos. Destes, salientamos Manuel Rodrigues Preto e Teodósio Nunes Preto. Mais tarde veio viver para a Covilhã. Os pais de José Mendes Veiga deixaram testamentos que constituem duas fontes fundamentais para enquadramento socioeconómico desta família beirã (Apêndice, Documentos 3 e 4). Através da sua análise, deduzimos tratar-se de uma típica família de negociantes de panos da região serrana. Em ambos, são diversas as citações referentes a tecidos, mencionando-se por diversas vezes que se destinavam à confeção de roupas. A mãe Luísa deixou a familiares, amigos e conhecidos, diversos cortes de tecidos, para além das roupas usadas ou já confeccionadas que destina aos mais próximos e/ou dependentes. Assim, a uma Clara, que se presume ser a mais próxima destes dependentes, para além de muitas outras lembranças de vária ordem, lega, «por esmola», umas arrecadas que usava. Deixa-lhe também «huma vara de pano de linho». A Leonor, filha da «viuva de Francisco Castelhana», atribui, igualmente, «covado e meyo de camelão azul». À «ama do minino», o filho, José Mendes Veiga, deixa «um covado e um terço de droguete» e «huma vara» de um outro tipo de pano; à afilhada Aurora, filha de uma sua comadre, reserva «covado e meyo de camelão azul, retroz para cozer e para casear e hum atacador vermelho». Destina «a Maria de José Antonio tesselão covado e meio de camelão azul». Brinda o primo Rodrigo Mendes com «hum covado de pano fino, de pano de linho vara e meya»; (...) «mais a Maria Dourada» a quem deixa «covado e meyo de bayeta azul grosseira, meya oitava de retros, duas varas de fitta vermelha». À comadre Gracia de Mattos, deixa «covado e 3ª

de bayeta azul». Não esquece as vizinhas, deixando a uma tal Bárbara «covado e meyo de dorguete (sic) panno preto e retroz para cozer e para casear o colette» e a uma tal Rita «um covado de bayeta azul e retros para o fazer». Ao afilhado, que era rebento do compadre Sebastião Mendes, reserva «covado e meio de bayeta azul para um xambre e retros».

No testamento do pai Francisco, salienta-se uma maior variedade e quantidade do mesmo tipo de produtos citados no testamento de Maria Luísa, como se poderá facilmente constatar através dos seguintes excertos: «a Gracia de Mattos, dois covados de bayeta azul grosseira e dois alqueires de senteio - a Clara Carolla, dois covados de bayeta grossa 1<sup>a</sup> e quatro alqueires de senteio - a Francisca do Castellano, quatro alqueires de senteio e tres covados de bayeta azul grosseira (...) A minha tia Domingas, da Idanha, dois covados de bayeta verde ou azul fina - e a sua filha Maria, outros dois da mesma sorte - A seu filho Francisco, 300 reis e hum cov[ad]o de seragossa»; «(...) a Theresa do Antonio Palanelo, dois covados de bayeta fina de cor».

Como poderemos facilmente concluir, o casal negociava em produtos têxteis, de que se salientam os diferentes tipos de tecidos citados, bem como em acessórios destinados à confeção de roupas, como linhas para cozer ou retrós e fitas para enfeitar, referidas por diversas vezes no testamento de Maria Luísa. Dedicar-se-iam ainda ao cultivo ou ao comércio de produtos agrícolas, nomeadamente cereais, de que se distinguem o milho e o centeio. No testamento de Maria Luísa, faz-se uma breve referência a este tipo de produtos: «Deixo a Joam de Campos dois alqueires de milho». Todavia, no testamento de Francisco acentua-se o facto, como se pode facilmente constatar através do seguinte excerto: «(...) A Mauriela, hum alqueire de senteio. A Barbara, hum alqueire de pam - a Rita, hum alqueire de pam - a Joze da Silva de Penamacor tres alqueires de senteio (...). A Pedro Casado, dois alqueires de senteio - A Antonio Casado, dois alqueires de senteio (...)»

À morte de Maria Luísa, o casal dispunha de um razoável desafogo económico, reforçado ainda através das referências a alguns artigos de adereço e enfeite, citados no testamento de Luísa, nomeadamente umas arrecadas e um rosicler de ouro, que seria uma espécie de gargantilha, uma «peça de pedraria, que cinge o pescoço. Outros dizem que era de cabeça, e composta de pingentes» (SILVA, 1844: 696). Salienta-se ainda «hum lenço da moda dos que servem de pôr, por capricho», demonstrando a aplicação das economias em outros bens para além dos de primeira necessidade.

Todavia, através dos dados constantes do testamento de Francisco, poderemos constatar a existência de uma considerável fortuna em bens pecuniários, atendendo aos montantes destinados a diversos membros da família, privilegiando a família da mulher falecida. Francisco deixou, em testamento, aos cunhados Manuel e Teodósio, 1.600 reis a cada um. Este último, para além da verba já mencionada, seria ainda contemplado com uma outra, no valor de 2.000 reis, destinada às sobrinhas, «as meninas de meu irmão Teodosio (...)», conforme se refere no documento em causa. Saliente-se, a propósito que, no mencionado testamento, só uma outra pessoa seria distinguida com um valor mais elevado. Aparece identificada como “a Maria de meu Pai”, a quem foi destinado o montante de 6.400 reis, enquanto que “a outra Maria de meu Pai”, diz que passarão a caber 1.200 reis. Admite-se poder tratar-se das filhas de um primeiro casamento do pai que por terem ficado solteiras continuaram a viver na casa de família, em Belmonte, e a quem caberia cuidar de José Mendes Veiga, o filho menor órfão. No total, Francisco Mendes Veiga deixa a familiares próximos uma verba superior a 31.000 reis, uma vez que desconhecemos o número exato das filhas do tio, Francisco Lopes Casado do Fundão, destinando-se «a cada huma 480 reis». O montante em apreço constitui um valor muito significativo para a época, aten-

dendo até ao tipo dos destinatários identificados no documento em análise. De acordo com o contexto jurídico da época, as verbas em causa são deduzidas ao terço da herança que constitui a parte livre destinada ao cumprimento dos legados ou disposições do testador, situação que não afeta os dois terços da herança que constituem a porção a ser partilhada pelos herdeiros legítimos, após a dedução das eventuais dívidas (DURÃES, 1992: 129). Para se poder aquilatar do valor do montante em causa, como termo de comparação, é de referir que, em 1822, os edifícios da Real Fábrica Veiga irão ser arrendados pelo montante anual de 800.000 reis, por um período de seis anos, por Rosa Jacinta de Carvalho Veiga, viúva de José Mendes Veiga, aos filhos de ambos, José e Manuel, de acordo com a escritura do contrato de arrendamento.

Do confronto dos dados extraídos dos dois testamentos, poderemos perceber, com alguma nitidez, o quadro das relações familiares e de amizade desta família. Clara ou Clara Carrola, como aparece identificada no testamento de Francisco, surge-nos, em ambos os documentos, como primeira referência de Luísa, mantendo-se como a segunda de Francisco, apesar da presumível situação de dependência em que se encontraria, uma vez que Luísa lhe deixa as arrecadas como esmola, para além de peças de vestuário novas ou usadas e roupas de cama, os lençóis e um «cobertor de papa». Merecem, igualmente, destaque, sobretudo no testamento de Francisco, as irmãs e os cunhados, sendo estes designados por irmãos, bem como os tios, os sobrinhos e primos, todos contemplados com razoáveis quantias em dinheiro. O conceito de família alargada encontra-se bem explicitado em ambos os documentos, mas particularmente no de Francisco.

Após a morte do pai, o órfão José Mendes Veiga, terá ido viver para casa do tio Teodósio, não só por este ter uma família constituída, mas também porque o tio Manuel não disporia de capacidade para acolher o sobrinho, uma vez que, à data da morte de Francisco, de acordo com o referido documento, «se encontrava prezo na cadeya da Covilhã», circunstância que ainda não foi possível clarificar.

## 6. JOSÉ MENDES VEIGA, O FUNDADOR DA REAL FÁBRICA VEIGA: ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

**José Mendes Veiga** é natural da freguesia de Santiago de Belmonte onde nasceu aos 12 de março de 1762. Aos dezoito anos, em 12 de janeiro de 1780, celebrou sponsais com Rosa Jacinta de Carvalho, também identificada em alguns documentos como Rosa Jacinta Narcisa de Carvalho, natural da freguesia de S. Pedro da Covilhã. A noiva pertencia, como ele, a uma família descendente de cristãos-novos, moradores nesta. Era filha de Francisco de Carvalho Fontes, natural da paróquia de S. Paulo da Covilhã, com ascendentes na cidade da Guarda, e de Jacinta Maria dos Rios, natural do Fundão.

Do casamento do nosso biografado, resultaram nove filhos, todos eles registados como naturais da freguesia de S. Pedro da Covilhã: Jacinta, que nasceu em outubro de 1780; Rafael, em 7 de maio de 1782; Maria Luísa Teodora, em 1 de maio de 1784; José, em 12 de abril de 1786 e que faleceu ainda criança; Leonor Carolina, em 9 de abril de 1788; Francisco, em 25 de Fevereiro de 1790; José, em 29 de Março de 1792; Josefa Benedita, em 29 de 1793 e Manuel, em 12 de Fevereiro de 1795 (ANTT, R. P., Cov., S. Pedº, Bat. Lº6, Fºs 33; 45 vº; 76 vº; 99; 118 vº; 147 vº; 170 vº; 188; 207).

Através de uma estratégia de valorização familiar assente numa concertada política de casamentos, José Mendes Veiga, consolidou a sua posição social na Covilhã e a garantiu a ampliação dos seus negócios e fortuna pessoal, bem como a dos seus descendentes. Faleceu na Covilhã, em 15 de novembro de 1817, com 55 anos de idade, tendo sido "se-



Fig. 6 – Real Fábrica Veiga

Vista parcial do complexo fabril. Em primeiro plano, à esquerda, o edifício das tinturarias com o engenho de cardar e fiar, fundado por José Mendes Veiga, em 1784, após a reedificação e ampliação de cerca de 1820. Acoplado a este, à direita, a ampliação edificada pelos filhos, cerca de 1840. Em segundo plano, à esquerda, o edifício dos escritórios e armazéns do complexo fabril, mandado edificar pelo filho, o Comendador José Mendes Veiga (1792-1872) e à direita, as râmolas de sol e grudadouros, com a casa da mó, estruturas de apoio às secções Tinturaria e Ultimação (Reprodução de postal ilustrado. Finais do séc. XIX. Covilhã. Ribeira da Goldra. Calçada do Biribau).

pultado nos covais da Igreja de Sam Pedro"(ANTT, R. P., Cov., S. Pedº, Ob., Lº 3, fº 8 vº). Destaca-se, igualmente, o papel da mulher, Rosa Jacinta Narcisa de Carvalho, que desempenhou um papel de relevo na manutenção e engrandecimento da Real Fábrica Veiga, após a morte do marido e durante o exílio dos filhos no âmbito das lutas liberais.

## APÊNDICE

### DOCUMENTO 1

Fundão, 27 de maio de 1726 - Casamento de Francisco Mendes Veiga e Mécia Henriques  
ANTT, *Registos Paroquiais, Fundão, Casamentos*, Lº 1, fl. 70 vº

Aos vinte e sete de maio de setecentos e vinte e seis em presença de mim Teodozio Esteves Prior desta Igreja de S. Martinho e das testemunhas abaixo assignadas precedendo as denunciações que ordena o Concilio e Constituições receberam o Sacramento do matrimonio Francisco Mendez da Veiga natural da cidade da Guarda solteiro filho de Jacinto Mendes e de Jacinta Maria todos da dita cidade e Mecia Henriquez solteira filha de Antonio Rodrigues Cazado e de Izabel Rodrigues todos deste lugar do Fundao foram testemunhas o Padre Boaventura Gonçalves e Francisco Lopez Cazado todos deste lugar e que por estes termos vi assignei com as dittas testemunhas dia mes e ano ut supra.

O Prior Teodozio Esteves  
O Padre Boaventura Gonçalves  
Francisco Lopez Cazado

## DOCUMENTO 2

Fundão, 7 de julho de 1745 - Casamento de Manuel Rodrigues Pretto e Maria Henriques  
ANTT, *Registos Paroquiais, Fundão, Casamentos*, L<sup>o</sup> 1, fl. 242 v<sup>o</sup>

Em os sette de Julho deste ano de mil settecentos e quarenta e cinco contrahirão o Sacramento do matrimonio na minha presença e parte do povo solenemente, tendo precedido as denunciações constituídas por direitos e constituição deste Bispado sem impedimento conforme da Igreja, Manoel Rodrigues Pretto, solteiro, filho legitimo de Andre Nunes, e Theodora Mendes desta Freguesia; e Maria Henriques filha legitima d' António Rodrigues, e de Brites Maria, todos naturais e moradores neste lugar do Fundao; e forão testemunhas Francisco Lopez Cazado, e Francisco Mendes Veiga desta mesma freguesia que este comigo assignarão no dia, mes, e ano acima declarado.

O Prior Manuel dos Santos  
Francisco Lopes Cazado  
[...] (ilegível) Nunes [...] (ilegível)  
Francisco Mendes Veyga

## DOCUMENTO 3

Belmonte, 28 de novembro de 1765 - Óbito e testamento de Maria Luísa Mendes Veiga, mãe de José Mendes Veiga  
ANTT, *Registos Paroquiais, Belmonte, Santiago, Óbitos*, L<sup>o</sup> 1, fls. 171 v<sup>o</sup> / 172 v<sup>o</sup>.

Em os vinte e oito dias do mez de novembro do presente anno de mil e setecentos e secenta e cinco faleceu da vida presente com todos os sacramentos Maria Luiza de idade de trinta e cinco annos, pouco mais ou menos, cazada com Francisco Mendes Veiga, moradora nesta villa de Bellomonte, e nesta freguesia, naturaes ambos da villa do Fundam. Foi sepultada dentro desta Igreja de Sãotiago desta ditta villa de Belomonte.

Deixou um rol de Missas feito por Rodrigo Mendez na forma seguinte - Missas que mando se me digam aos Santos das minhas obrigações: Primeiramente ao Anjo da minha guarda duas Missas - Pela minha Alma tres Missas ditas no Altar mor. A Santa do meu nome duas - a Santo Ildefonso huma - A Senhora da Conceição huma - As Almas Santas duas - Pella Alma de minha may huma - Pellas penitencias mal cumpridas huma - A Senhora da Piedade huma - A Senhora da Esperanza huma - A Senhora May dos Homens huma - Ao Santissimo Sacramento duas - Pellas Almas que era obrigada a rezar huma - Neste Rol não leva mais. Fez tambem uma lembrança das esmolos pella letra de seu marido que contem o seguinte -

Lembrança do que deixa minha mulher - Deixo a Clara por esmola humas arecadias (sic) que trago, mais huma saya pretta fina, mais huma mantilha de lã fina usada. Mais huma camisa nova. Mais hum colchaozinho, dois lençois, hum cobertor de papa. Hum [...] (ilegível). Mais hum capote de pano alvadio forrado de bayetta azul. Mais huma vara de pano de linho [...] (ilegível). Mais deixo à viuva de Francisco Castelhana huma camisa nova, outra uzada. Uma saya [...] (borrão) de camelão uzada. Mais hum alqueire de milho e meio alqueire de senteyo. Mais a sua filha Leonor covado e meio de camelão azul. Deixo a minha prima Maria Nunes huma saya de chita. Deixo a minha prima Nunes digo Justa humas braguinhas de chita. Deixo a Rosa de Joam de Campos hum capote de linho com bandas mais huma camisa [...] (ilegível) com punhos granbretanha. Deixo a Violante de Joam de Campos huma camisa nova mais hum capote de linho com bandas de chita já usado. Deixo a Joam de Campos dois alqueires de milho. Deixo a Mariela huma camisa boa. Deixo à ama do minino covado e terça de dorguete (sic) pano roxinho, huma vara de [...] (ilegível). Mais a sua filha huma camisa de brim. Deixo a minha comadre hum lenço da moda dos que servem de pôr, por capricho. Deixo a sua afillhada Aurora da mesma comadre covado e meyo de camelão azul, retroz para cozer e para casear e hum atacador vermelho. Deixo a Maria de José Antonio tesselão covado e meio de camelão azul. Deixo a meu Primo Rodrigo Mendez hum covado de pano fino, de pano de linho vara e meya; humas ligas [...] (ilegível), trossal e retros para venda e calçado. E a sua mulher o meu russicler (sic) de ouro que trago com uzo. Mais a Maria Dourada assiste em sua casa covado e meyo de bayeta azul grosseira, meya oitava de retros, duas varas de fitta vermelha. Deixo a minha comadre Gracia de Mattos covado

e 3<sup>a</sup> de bayeta azul. Deixo à vizinha Barbara covado e meyo de dorguete (sic) panno pretto e retroz para cozer e para casear o colette. Deixo à vizinha Rita um covado de bayeta azul e retros para cozer. Deixo a meu afilhado, filho do meu compadre Sebastiam Mendez, covado e meio de bayeta azul para um xambre e retros. Deixo mais ao mesmo meu Compadre Sebastiam Mendez dois alqueires de milho. E não continhão mais as dittas disposiçoens. De que fiz este termo que assignei dia mes ano ut supra.

P.e Luiz Joze Esteves de Brito

(Em cima, ao lado): Fez huas lembranças de missas e esmollas de que dera parte seu marido Francisco Mendez Veyga.

#### DOCUMENTO 4

Belmonte, 4 de dezembro de 1766 - Óbito e testamento de Francisco Mendes Veiga, pai de José Mendes Veiga

ANTT, *Registos Paroquiais, Belmonte, Santiago, Óbitos, L<sup>o</sup> 1, fls. 177/177 v<sup>o</sup>.*

Em os quatro dias do mez de dezembro do presente anno de mil e setecentos e secenta e seis faleceu da vida presente com todos os Sacramentos Francisco Mendez Veiga de idade de quarenta e sete annos, viuvo que ficou de Maria Luiza naturaes da villa do Fundam e morador nesta de Belomonte. Foy sepultado nesta Igreja de Santiago desta ditta villa. Fez huma lembrança na forma seguinte - Ao Anjo da Guarda sinco Missas - ao Santo do seu nome sinco Missas - As Almas oito Missas - A Senhora da Esperança seis Missas - a Santo Anselmo quatro - A Santo Ignocencio quatro - a S. Sebastiam sinco - a Santo António sinco - A meus filhos deixo tudo o que tenho, excepto o meu 3<sup>o</sup>, que deixo reservado para que tudo se dé em esmollas a pobres e se possam sufragar por minha Alma - Deixo a meu irmão Marcos o meu gabão de tripe fino encarnado - A meu primo Rodrigo Mendez hua vestia de chita - A meu primo Manuel da Idanha hua cazaqua de pano fino alvadio - A meu compadre Sebastião Mendez hua casaqua de seragossa preta e hua fanega de senteio - A Joam de Campos hua casaqua de bayeta pretta e seis alqueires de senteio, e huns [...] (borrão) sapatos uzados - A Gracia de Mattos dois covados de bayeta azul grosseira e dois alqueires de senteio - A Clara Carolla dois covados de bayeta grossa 1<sup>a</sup> e quatro alqueires de senteio - A Francisca do Castellano quatro alqueires de senteio e tres covados de bayeta azul grosseira - A Mauriela hum alqueire de senteio. A Barbara hum alqueire de pam - a Rita hum alqueire de pam - a Joze da Silva de Penamacor tres alqueires de senteio - A Manuel Roiz Pretto prezo na cadeya da Covilhã, hua camisa nova, hua vestia e calçado tudo de uzo, meyas e sapatos chapeo e hum capote de seragossa uzado - A Pedro Casado dois alqueires de senteio - A Antonio Casado dois alqueires de senteio - A minha tia Domingas da Idanha dois covados de bayeta verde ou azul fina - e a sua filha Maria outros dois da mesma sorte - A seu filho Francisco 300 reis e hum covado de seragossa - A seu filho Manuel 600 reis - a May de Domingos e para Domingos 900 reis - e aos filhos 1600 reis - a Maria Dourada 800 reis - A António cazado com Theresa seiscentos reis - a Guiomar de Monsanto 600 reis - a seu Irmão Domingos - hua vestia de uzo - a Theresa do Antonio Palanelo dois covados de bayeta fina de cor - a minha prima Francisca de [...] (ilegível) 1200 reis - a Manuel Vaz do Fundão casado com a Ignez 600 reis - as cachopas de meu tio Francisco Lopez do Fundão a cada huma 480 reis - a Rosa de Joao de Campos 480 - a Violante 480 - a Maria de meus pais 6400 reis - a outra Maria de meu pai 1200 reis - a meu irmão Manuel Roiz Pretto 1600 - a meu irmão Teodosio 1600 - as meninas de meu Irmão Teodosio 2000 - a minha tia Leonor Mendez do Fundão 3200 - a Justa 800 reis e mais hum cruzado - a Maria Vaz 1000 - a minha prima Luiza 2000 - a João Moram da Idanha morador no Fundão 1 600 - ao irmão deste chamado Manuel 1000 - a minha prima Maria Henriquez da Covilha 1800 - e não continha mais de que/ fiz este termo que assignei.

P.e Luiz Joze Esteves de Brito

DOCUMENTO 5

Belmonte, 12 de março de 1762 - Nascimento de José Mendes Veiga  
 ANTT, *Registos Paroquiais, Belmonte, Santiago*, Bat. L<sup>o</sup>3, F 82 v<sup>o</sup>/83]

Em os doze dias do mes de março do prezente anno de mil setecentos e secenta e doiz nasceo José filho do primeiro Matrimonio de Francisco Mendez Veyga e de sua mulher Maria Luiza moradores nesta villa e naturaes da do Fundam netto pela parte paterna de Francisco Mendez Veyga natural da cidade da Guarda e de sua mulher Messia Henriques natural da ditta villa do Fundam, e pella materna de Andre Nunes e de sua mulher Theodora Mendes naturaes da ditta villa do Fundam. Foi bautizado foi bautizado solemnemente nesta Igreja de Santiago de Belomonte em os seis dias do dito e digo em os seis dias do mes de abril do ditto anno por mim Luiz Joze Esteves de Brito prior della. Foram padrinhos Joze Pereyra e sua Irmaã Maria Engracia. As testemunhas João Marques Giraldes e Domingos Fernandes todos desta ditta villa de que fiz este termo que assignei com as testemunhas dia, mez e anno ut supra.

Luiz Joze Esteves de Brito  
 João Marques Giraldes  
 Domingos Fernandes

DOCUMENTO 6

Covilhã, 12 de janeiro de 1780 - Casamento de José Mendes Veiga e Rosa Jacinta de Carvalho  
 ANTT, *Registos Paroquiais, Covilhã, S. Pedro, Casamentos*, L<sup>o</sup>2, fl. 84 v<sup>o</sup>/85

Aos doze dias do mes de janeiro de mil setecentos e setenta digo centos e oitenta annos em esta parochial igreja de São Pedro desta villa de Covilhã e na minha presença, Prior della João Paulo Baptista e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas contrahiram o Sacramento do Matrimonio por palavras e presentes na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Ritual Romano Jozé Mendes Veiga solteiro natural da villa de Belmonte deste bispado da Guarda filho legitimo de Francisco Mendes Veiga e de sua molher Maria Luiza naturaes da villa do Fundão do mesmo bispado e Rosa Jacinta de Carvalho solteira natural desta villa de Covilhã filha legitima de Francisco de Carvalho Fontes natural desta mesma villa e de sua molher Jacinta Maria dos Rios natural de Fundão e não lhe resoltou impedimento algum como me constou das certidoes dos reverendos parochos das dittas dittas villas de Belmonte e Fundão que reconheço serem verdadeiras e nem eu vi ter de que fiz este termo que assignei com as testemunhas fieis da Igreja Manuel Nunes Mosa e José da Costa da mesma villa, em Covilha, dia, mes e ano ut supra.

Pe. João Paulo Baptista  
 Joze (+) da Costa  
 Manuel Nunes Mosa

FONTES

ANTT, *Registos Paroquiais, Belmonte, Santiago, Batismos*, L<sup>o</sup>3

ANTT, *Registos Paroquiais, Belmonte, Santiago, Óbitos*, L<sup>o</sup> 1

ANTT, *Registos Paroquiais, Covilhã, S. Pedro, Batismos*, L<sup>o</sup>4, L<sup>o</sup> 6

ANTT, *Registos Paroquiais, Covilhã, S. Pedro, Casamentos*, L<sup>o</sup>2

ANTT, *Registos Paroquiais, Fundão, Batismos*, L<sup>o</sup>2, L<sup>o</sup> 3, L<sup>o</sup> 4, L<sup>o</sup> 5

ANTT, *Registos Paroquiais, Fundão, Casamentos*, L<sup>o</sup> 1

ANTT, *Registos Paroquiais, Fundão, Óbitos*, L<sup>o</sup> 4, L<sup>o</sup> 5

ANNT, *Registos Paroquiais, Guarda, S. Vicente, Casamentos, L°5*

ANNT, *Registos Paroquiais, Guarda, S. Vicente, Mistos, L° 4, L° 5*

ANNT, *Registos Paroquiais, Melo, Batismos, L°1, L°6*

## BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Alberto Tavares (1999). *Cavalos Veiga, tradição e actualidade*. Lisboa: Ed. Inapa, 1999.

DURÃES, Margarida (1992). *No fim não somos iguais: estratégias familiares na transmissão da propriedade e estatuto social*. "Boletín de la Asociación de Demografía Histórica", X, 3: pp. 125-141.

PINHEIRO, Elisa Calado (2008-2009). *Rota da Lã TRANSLANA: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*, Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. [Vol.1- Reconhecimento e valorização patrimonial. Vol. 2 - Inventários das vias agro-pecuárias e do património edificado associado à indústria de lanifícios].

SILVA, António de Moraes (1844). *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 5ª ed., Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha.